Informe publicitário travestido de ensaio acadêmico

Advertising report transvestite as academic essay

Francisco Rüdiger

Professor titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Também leciona no Departamento de Filosofia e nos Cursos de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Email: frudiger33@gmail.com

ATTIMONELLI, Claudia; Susca, Vincenzo. *Pornocultura: viagem ao fundo da carne*. Porto Alegre: Sulina, 2017.

Submetido em: 11/06/2018

Aceito em: 20/12/2018

RESUMO

O artigo relata e analisa estudo sobre a “pornocultura” que, amparando-se na nova mídia digital e interativa, teria emergido na contemporaneidade. A conclusão é a que a obra toma o discurso publicitário pelo sociológico, na medida em que se limita a fazer uma reportagem entusiástica de fenômeno que sequer precisa de legitimação acadêmica.

PALAVRAS-CHAVE: Pornografia; Cultura de Massas; Cibercultura.

ABSTRACT

This article reports on and analyses an academic study on the “pornculture” that, upheld by the new digital and interactive media, would be emerging in our epoch. It concludes that the work takes advertising speech for sociological analysis, since the Authors limit themselves to present an enthusiastic report of a phenomenon that does not need academic legitimation.

KEYWORDS: Pornography; Mass Culture; Cyberculture

Será preciso um livro acadêmico, ainda que objetivando a “divulgação”, cuja proposta se resume em dizer ao leitor: “seja bem-vindo à pornocultura” (Attimonelli, Susca, 2017, p. 161)? No qual o relato apresentado se contenta em articular um discurso propagandístico da coisa tratada? Em que falta discussão da literatura crítica e das perspectivas divergentes a respeito do fenômeno? Em cujas páginas se ignora o cunho de indústria ou negócio que o sustenta? Onde não há menção dos efeitos socialmente deletérios por ventura promovidos com seu desenvolvimento?

Claudia Attimonelli e Vincenzo Susca creem que sim, que vale a pena relatar o que o interessado em pornografia talvez saiba mais do que eles próprios, e o leitor desinformado pode, sem esforço, descobrir por si mesmo consultando a internet. Pretendem eles ensinar sobre as origens e empreender a genealogia da pornocultura que a informática de comunicação ajudou a criar, se não especular sobre os efeitos daquela primeira em nossa vida (p. 7-9).

Ocorre que a tal estudo não se dedicam, visto, desde o início, conferirem à coisa o estatuto de “sensibilidade coletiva” ou “imaginário societal” cuja fenomenologia eles meramente articularão em sua obra.

A I parte é toda ela um enorme non sense, dada a pretensão de fazer provir a pornografia 2.0 do contraponto que o foi o barroco ao Renascimento; de iluminar a pornocultura da presente virada de século partindo do colapso do humanismo moderno; de entender o erotismo massificado como derradeiro complemento da era televisual (p. 15-44). Isto é, passando por alto problemáticas analiticamente imanentes ao fenômeno, como o seriam as da crise da família patriarcal burguesa, da revolução na moral sexual, da abertura de novas frentes de lazer, da exploração mercadológica do tempo livre pelas agências da indústria cultural, etc.

Decerto se afirma que o pornô é um suplemento de carne dado ao idealismo da civilização ocidental; que com ele se insinua um “estilo de vida” baseado no “apetite sexual”, em vez da “satisfação no trabalho”; e que, “subtraindo-nos ao dever”, promove-se com tanto “um hedonismo sem escrúpulos” (p. 142). Lendo a obra, ninguém terá dúvida que o contraponto todavia tem sentido puramente cosmético, representando expressão de uma espécie de sociologia reversa, em que a consciência a se manifestar é, acima de tudo, a colonizada pelo próprio fenômeno.

Sabe-se há tempo que a pornografia se tornou objeto de formidável indústria, que movimenta fortunas e não para de atrair milhões de curiosos em todo o mundo (McNair, 2002). Vieram primeiro os livros, depois as revistas, isto é, o material impresso, cuja circulação por muito tempo teve de enfrentar censuras. Seguiram-lhe os filmes, de início para cinema, mais tarde para exibição doméstica, logo complementados pelo surgimento de canais especializados na televisão por assinatura. Toda a parafernália restante, comercializada em estabelecimento de pequeno porte, era e segue sendo acessória em termos comparativos.

Advinda a era da internet, o cenário, entretanto, passou por rápida alteração. Houve inicialmente a tentativa de monetização dos catálogos por parte do empresariado previamente estabelecido. Em seguida, porém, o manejo e condução do setor passaram às mãos das empresas do setor de tecnologia da informação. Caíram de 200 para cerca de 20 as companhias que investiam em material pornográfico; reduziram-se violentamente os cachês pagos aos profissionais; etc. (The Economist, 2015).

Apesar de não se deixar de lado a área de produção, o foco do empresariado pornô se tornou a construção de plataformas para a postagem de material oriundo do público e o seu consumo por parte de audiências planetárias, se não o negócio de recolhimento, processamento e venda de informações assim gerado para terceiros.

Paralelamente à veiculação de acervos com material da indústria conservados por particulares, surgiu também uma pornografia produzida pela base e distribuída em massa via internet. Avançou um amadorismo cuja presença todavia não exclui o ingresso de seus sujeitos no circuito profissional na condição de pequenos empreendedores e microcelebridades. Isto tudo, enquanto o comércio de bonecas/os motorizado/as de silicone e equipamentos geradores de realidade virtual, portadores da promessa de prazer fácil e imediato que as empresas de tecnologia mais avançada nos proporcionarão não se viabiliza em escala econômica sustentável.

Alltimonolli e Susca ambicionam dar conta deste novo cenário, pretendidamente criador, pela ubiquidade, de uma pornocultura na condição de relações públicas voluntários que, parados às portas de seu paraíso, nos recebem com um sorridente “bem-vindo!” (Attimonelli, Susca, 2017, p. 161). Observa-se por toda a obra um clima de excitação escolar e juvenil

oriundo da chance de poder tratar de um tema fácil e atraente, a respeito do qual todos têm o que dizer, são poucos os que não gostam, e os autores tiveram o prazer de explorar.

Apesar de revelarem ampla informação sobre o assunto, eles fogem à reflexão da coisa, apresentando-nos uma peça promocional sobre suas várias manifestações, em vez da análise que acadêmicos poderiam dos autores esperar. Para a dupla, “a pornocultura é a sequência convulsiva da dança inscrita na esteira da correspondência entre erotismo e morte que caracteriza a espiral do ser humano [no século 20]” (p. 39).

O fato de nem o erotismo, nem a morte serem objeto de exame em seu livro pouco importa.

Consagrou-se com Maffesoli (2014) uma sociologia declaratória, em que, sendo o caso, a experiência só ingressa como matéria para o desenvolvimento de um relato cujo marco está previamente estabelecido. Alltimonoli e Susca, seus discípulos, não se contentam com isso, chegando ao ponto de estabelecer o que chamaríamos de sociologia aclamativa. A pornografia vivia em gueto, mantendo os interessados sob a ameaça de estigmatização. A pornocultura surgiria com seu acolhimento e dispersão por vários campos da vida social – e isso seria salutar, entusiasma-se os autores, por nos livrar das correntes enferrujadas e desprovidas de valor que teria representado o humanismo.

Resumidamente, creem eles que se pode fazer ciência sem empreender análise ou propor discussão; que é possível projetar um saber limitando-se a mimetizar o discurso publicitário que cerca seu objeto; que articular informações a seu respeito obtidas na imprensa é suficiente para desenvolver um conhecimento acadêmico. Por isso não deve surpreender que, supondo dar ao tratamento do objeto a informalidade que ele exigiria do saber, sucumbam os autores em discurso marqueteiro, de acordo com o qual a pornografia se tornou “um estilo de vida forjado pela chama do prazer” (p. 155)

Falando de suas manifestações como expressão antropológica da liberação do desejo e cultivo do prazer desencadeados pelas novas tecnologias, a obra foge a todo questionamento do assunto, sem entregar-nos informação oriunda de pesquisa original capaz de justificar um interesse acadêmico especializado e autônomo sobre a matéria (cf., por exemplo, Vale, 2000; Díaz-Benitez, 2010). Em vez de se constituir em livro de estudo, a obra salienta-se como leitura destinada a estudantes ainda prisioneiros de sua juventude ou com inibições morais perante o que mais ou menos intimamente lhes desperta incontida curiosidade sensível.

Passa por alto o volume toda e qualquer discussão com a literatura relativamente ampla e qualificada agora disponível sobre a matéria. Apesar das referências listadas ao final não ser pequena, o emprego dos títulos ao longo do texto é essencialmente protocolar. Argumentos contrários e problematizações alternativas não são sequer mencionadas: a hermenêutica empregada por ele é linearmente aclamativa.

Defendendo a “tese” de que a pornografia teria se catapultado do plano da atividade esporádica para o de cultura ambiente, de que houve uma “pornificação do cotidiano” (Attimonelli, Susca, 2017, p. 105), predomina no relato o sentimento de identificação militante. Prováveis eleitores da Cicciolina (Wikipedia, 2018), se no tempo da pornoatriz já tivessem direito a voto, os autores nivelam por baixo e trabalham banalmente o conceito de cultura ao, por exemplo, ignorarem sua oposição originária à barbárie.

Ignora a obra o cunho de negócio que agencia e movimenta o fenômeno por eles relatado, a formação de verdadeiro oligopólio que se assiste na área (Grupo MindGeek), mas também e sobretudo, considerando o ponto de vista que interessa aos autores, os conflitos imanentes e potencial explosivo para as relações humanas que ele contém e incentiva. Tudo o que na pornografia pode haver de incentivo à regressão na experiência e de sinalização das tendências destrutivas presentes na vida social é silenciado (cf. Yehia, 2013). As carências e problemas relacionais que lhe são subjacentes e servem de estímulo, a insolvência insuperável dos desejos extremos que agencia, a legitimação coletiva dos comportamentos barbarescos secretamente almejados pelos civilizados – nada disso é discutido no trabalho.

A hermenêutica é constrangedoramente simplificadora no entendimento do fenômeno. O significado sociológico e histórico deste tende sempre a ser aplainado. O termo cultura é empregado em sentido genérico e descritivo, sem que se leve em conta seus impulsos reflexivos. A variedade de experiências que a coisa expressa e pode ensejar não é abordada. A exposição segue o princípio da multiplicação de exemplos, apresentados sem nenhuma crítica ou análise.

O resultado é uma celebração da grosseria e a legitimação intelectual da barbárie, a produção de uma prótese literária que os promotores da coisa bem poderiam empregar em seu material de propaganda.

Admitindo em acesso de loucura que seja a pornografia o “paradigma existencial de nossa época”(Attimonelli, Susca, 2017, p. 154) – não é o caso de se perguntar, fazer um balanço para saber se isso representa avanço ou retrocesso em nosso modo de vida? Admitindo que seja ela tal coisa o sepulcro do humanismo, não é o caso de se perguntar, fazer um balanço sobre as perdas e ganhos que isso pode importar nas relações entre os seres humanos?

Attimonelli e Susca sem dúvida observam bem a movimentação nas “fronteiras do pudor” resultante do surgimento de plataformas especializadas em conteúdo pornográfico fornecido pelos usuários. Sua fenomenologia publicitária da pretendida pornocultura todavia constrange, ao reificar e se identificar mecanicamente com o sujeito desejante que lhe serviria de agente. Afirmativas de que agora “o obsceno é o real, e o real é obsceno” (p. 155) são testemunho de indigência intelectual, muito mais do que paródia de Hegel.

Referências bibliográficas

DÍAZ-BENITEZ, Maria. *Nas redes do sexo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

MAFFESOLI, Michel. *Homo eroticus*. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

McNAIR, Brian. *Streaptease culture*. Londres: Routledge, 2002.

THE ECONOMIST. “Naked capitalism 2”. Londres, 26/9/2015, s. p.

VALE, Alexandre. *No escurinho do cinema*. São Paulo: Annablume, 2000.

WIKIPEDIA. 'Ilona Staller'. In *Wikipedia, L'enciclopedia libera*, 20/3/ 2018.

YEHIA, Naief. *Pornocultura*. Barcelona: Tusquets, 2013.